

A cultura do feijão (*Vigna unguiculata*) e o território: o caso da comunidade do Pau-de-Remo, Nordeste Paraense

*The culture of bean (*Vigna unguiculata*) and territory: the case of community Pau-de-Remo, Northeast of Pará*

GONÇALVES, Jakson da Silva¹; MACHADO, Edivandro Ferreira²

¹Universidade Federal do Pará, jaksonsg95@gmail.com; ² Museu Paraense Emílio Goeldi, edivandro22ferreira@gmail.com.

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Ancestralidade, terra e território

Resumo: Busca-se compreender as formas de produção de feijão em um contexto de pequenas propriedades rurais. Para tanto, executou-se entrevistas semiestruturadas com o auxílio de gravador e diário de campo. Evidencia-se que as práticas agrícolas têm sofrido impactos em decorrência da redução da força e do trabalho jovem no âmbito familiar, que têm relação com a diminuição territorial e/ou desestímulo do trabalho com a terra. Mostra-se que a variedade de feijão mais cultivada é o “quebra-cadeira”, e que os agricultores não dispõem de qualquer serviço de assistência técnica nesse cultivo. A prática do corte-e-queima tem sido abandonada por dois motivos: a pouca disponibilidade territorial e as regulamentações ambientais. Com isso, começa a fazer parte da dinâmica produtiva a adoção de insumos externos, como adubos, agrotóxicos e tratores, embora práticas agroecológicas, como o plantio direto, a cobertura morta e os sistemas agroflorestais possam ser alternativas.

Palavras-chave: corte e queima; agricultura familiar; sistema agroflorestal; transição agroecológica; autoconsumo.

Introdução

Esta pesquisa se debruça sobre os saberes e as técnicas empregadas no cultivo de feijão na comunidade do Pau-de-Remo, bem como sobre a sua contextualização territorial. Com a expansão dos monocultivos e de grandes fazendas de criação de gado, associados à falta de políticas de valorização do campo, tem ocorrido na região de Santa Luzia do Pará, nordeste paraense, uma migração constante de pessoas, principalmente de jovens, do campo para outros locais, sobretudo para o sudeste e para o sul do Brasil, em busca de renda/trabalho (CHAVES; BEZERRA; NASCIMENTO, 2022). Com a redução da força de trabalho jovem no contexto das pequenas propriedades, tem havido vendas de porções de terras ou propriedades inteiras para fazendas que vêm cercando cada vez mais os aglomerados populacionais (CARVALHO *et al.*, 2018). Consequentemente, tem-se reduzido áreas da agricultura familiar, que ainda resiste e segue com produção alimentar local, mas com transformações em suas práticas tradicionais de cultivo (CARVALHO *et al.*, 2018).



A comunidade do Pau-de-Remo, a contar do estabelecimento da primeira família, tem 65 anos. Antes, tratava-se um território muito acessado por caçadores. Em vista disso, leva esse nome em função da referência de um ponto de encontro usado pelos caçadores, uma árvore às margens do rio Muruteua, cujo tronco lembrava o formato de um remo. Seguindo pela PA 253, a comunidade está a 37 km da sua sede municipal, Santa Luzia do Pará, e a 25 km da sede municipal de Capitão Poço, estado do Pará.

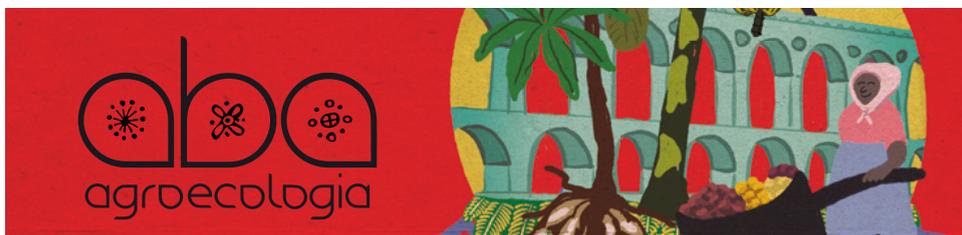
Hoje essa comunidade é povoada por quase 80 famílias, com mais de 300 moradores, que detêm como principais fontes de renda os benefícios de previdência e assistência social (bolsa família), funcionalismo público e o comércio, estando a agropecuária, em geral, na função complementar, além dos trabalhos dinâmicos (bicos). As principais produções agrícolas se dão com a mandioca (*Manihot esculenta*), com o feijão (*Vigna unguiculata*, *Phaseolus vulgaris*) e com o milho (*Zea mays*). Na agropecuária, destaca-se as criações de galináceos, bovinos e equinos. Essas produções acontecem no próprio quintal ou em áreas afastadas, que variam de tamanho entre meio lote e quatro hectares.

De acordo com a classificação de Köppen, as condições climáticas predominantes são do tipo Am, caracterizada por elevada taxa pluviométrica ao longo do ano, pequenos intervalos de seca, com taxa anual de pluviosidade em 2296 mm (BASTOS, 1982). Mas já é relatado pelos agricultores mudança no regime das chuvas. Quanto ao solo, na região predomina o tipo latossolo e argilossolo vermelho amarelo distrófico, com atributos de acidez e baixa fertilidade. Já quanto ao aspecto físico, os solos são profundos e bem drenados em relevo plano e suave (FALESI *et al.*, 1967).

À vista disso, este trabalho busca compreender as formas de produção da cultura do feijão em um contexto de pequenas propriedades, mas que requerem, tradicionalmente, maiores áreas para a existência de um pousio adequado. Desta forma, trazemos aqui saberes e técnicas ancestrais para a soberania alimentar, que estão imersos em implicações territoriais e políticas que podem impactar sobremaneira a soberania alimentar da comunidade, caso não se tenha acesso a técnicas acessíveis e sensíveis à realidade local (REGO; KATO, 2017).

Metodologia

Como ferramenta de pesquisa, este estudo se valeu de entrevistas semiestruturadas, que foram direcionadas a 21 agricultores/agricultoras, identificados/as anteriormente por um levantamento da produção geral na comunidade. As entrevistas aconteceram em novembro de 2018, porém, experiências junto à comunidade, no ano de 2023, somam-se neste trabalho. Essas entrevistas foram realizadas com o auxílio de um gravador e de um diário de campo.



Resultados e Discussão

A variedade “quebra-cadeira” (também chamada feijão-branco ou feijão-da-colônia) (espécie: *Vigna unguiculata*) é a mais cultivada em Pau-de-Remo, embora ocorram outras variedades, quais sejam: baje-roxa (espécie: *Vigna unguiculata*) e vermelho (espécie: *Phaseolus vulgaris*). Essa produção se destina primordialmente ao autoconsumo, além do compartilhamento com parentes e vizinhos. Apenas um agricultor disse comercializar o excedente.

A maioria dos agricultores cultivam feijão há mais de 29 anos. Os produtores mais recentes destacam a falta de terreno como limitação para maior produção. Quanto aos locais de produção, seis cultivam no próprio quintal, quatro em propriedades de terceiros e onze cultivam em seus próprios terrenos. A época de produção do feijão acontece na transição entre o período chuvoso (dezembro – junho) e seco (julho – novembro), conforme demonstrado no Quadro 1. Pontua-se, ainda, que nenhum dos agricultores dispõe de algum tipo de assistência técnica rural.

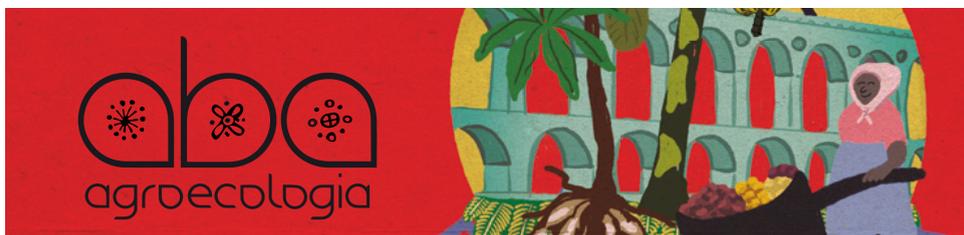
Quadro 1: Calendário agrícola do cultivo do feijão.

Calendário agrícola do cultivo do feijão					
Atividades desenvolvidas	Meses do ano				
	Maior	Junho	Julho	Agosto	Setembro
Preparo da terra					
Plantio e capina					
Colheita					

Fonte: Autores (2023).

As atividades apontadas no Quadro 1 envolvem aprendizados do presente e do passado, bem como experiências próprias adquiridas com o cultivo, ano após ano. A prática do corte-e-queima, ainda muito demandada para a agricultura local, tem sido menos frequente devido a duas questões: a primeira está relacionada com a não existência de biomassa suficiente; a segunda, por sua vez, diz respeito às fiscalizações ambientais. Ambas as questões que influem, por certo, sobre a produção de alimento para o autoconsumo, decorrem de um problema específico, a saber: a área não fica em pousio o tempo suficiente, tendo um máximo cinco anos. Entre os colaboradores da presente pesquisa, apenas um evidenciou que espera o pousio de cinco anos; três aguardam quatro anos; dois, três anos; e os demais não deixam a terra em pousio, ou seja, 71% não deixam mais a terra em pousio. Com isso, a vegetação cresce pouco nessas áreas de roça, quase não tendo o que queimar. A razão disso é a pouca disponibilidade de terra e a impossibilidade de itinerância dos roçados.

Considerou-se, por muito tempo, a agricultura de corte-e-queima como sendo sustentável, tendo em vista a rápida disponibilidade de nutrientes no solo, uma vez

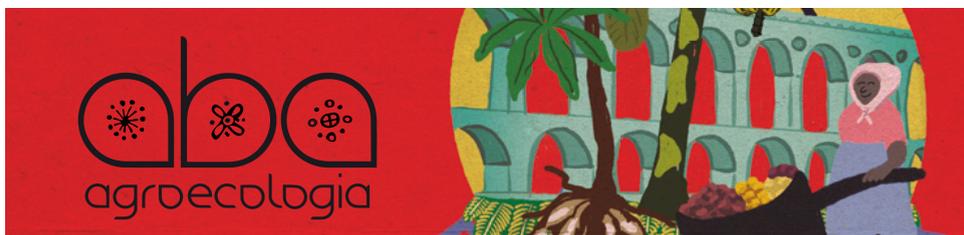


que os solos tropicais não são muito férteis. De acordo com Kato *et al.* (2014), esse sistema necessita de sete a dez anos para ser sustentável na produção. Estudos, em associação com as reduções dos territórios das unidades agrícolas que usam essa prática, têm demonstrado impactos na ciclagem de nutrientes, na riqueza de espécies florestais, na derrubada florestal e menos variedades de espécies agrícolas (PEDROSO JÚNIOR; MURRIETA, ADAMS, 2008). Nessa discussão, outros estudos têm apontado alternativas ao corte-e-queima, como o plantio direto na capoeira ou corte e trituração da mesma, sem precisar recorrer à queima. Nessa mesma direção, são apontados os sistemas agroflorestais, que constituem um sistema de produção baseado na associação de diferentes espécies/animais, podendo ter vários arranjos em espaço e tempo (NAIR, 1989). Entretanto, é válido ressaltar que na Amazônia o sistema de corte-e-queima ainda representa uma importante estratégia de produção alimentar (CARVALHO *et al.*, 2018; SILVA, ROCHA, 2022).

Com a permanência no local, aparece de forma mais intensa a necessidade da adição de adubação adquirida com facilidade nas casas agropecuárias, uma vez que a terra fica “fraca”, isto é, nas definições dos agricultores, é quando o solo não tem nutrientes suficientes à produção desejada. Além disso, considerado uma alternativa pelos colaboradores, o arado, disponibilizado pela prefeitura local, tem permitido ficar na mesma área com uma produção razoável, pois revolve o solo e disponibiliza mais nutrientes.

Comumente, o feijão é cultivado em consórcio com a mandioca (*Manihot esculenta*) ou com a pimenta-do-reino (*Piper nigrum*), vindo após a colheita do milho (*Zea mays*), e sendo realizado no mesmo local. A consorciação, porém, não acontece pela questão territorial, é uma prática antiga, conforme os relatos. Alguns agricultores guardam sementes em garrafas pet, que são vedadas com tecido de algodão e pimenta-do-reino pilada. Quando o agricultor não dispõe de um estoque, recorre a outro agricultor que possa disponibilizar ou acaba comprando. Outra fonte local de semente é a Escola de Formação para Jovens Agricultores de Comunidades Rurais Amazônicas (ECRAMA), que movimenta, desde 2003, um banco de sementes, emprestando-as nos momentos de plantio e recompondo seu estoque no momento da colheita (MACHADO *et al.*, 2020).

A maioria dos agricultores tem as fases nova e crescente da lua como referência para o momento da sementeira. Dizem que as folhagens ficam mais bonitas quando semeadas nesse período, bem como a produtividade é maior. Isso se aplica a outras cultivares cujo interesse esteja na parte do vegetal acima da superfície do solo. A etnoastronomia para a agricultura é prática relatada entre povos tradicionais, cujas fundamentações são compreendidas a partir de suas histórias de vida (mitos). Isso, porém, varia conforme o povo. Para o povo Xukuru do Orubá, por exemplo, na fase da lua minguante é momento de derrubada e abertura do roçado; o plantio, na lua crescente, faz crescer os ramos, mas demora a carga (geração de flores/frutos); é na lua nova o momento mais propício para a execução do plantio



(FRAZÃO, 2022). Seguir os momentos lunares também protege a roça contra as “pragas”.

Quanto à adubação, dois momentos ao longo do desenvolvimento do vegetal são apontados: o período de crescimento e o da carga. Nesses períodos, adicionam-se adubos, ora adquiridos por alguns em casas agropecuárias (NPK e ureia), ora é aplicado o esterco curtido de gado. No entanto, a maioria disse não usar adubação nessa cultura, função que era/é das cinzas da queima.

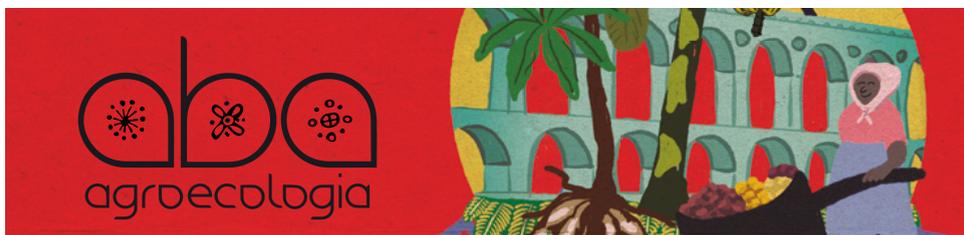
Por sua vez, para o controle de “praga”, a maioria relatou usar agrotóxico, mas um colaborador destacou o uso do “remédio”, que consiste em uma reza para afastamento ou morte de pulgão, lagartas, gafanhoto, cobras, dentre outros. Esta prática, para alguns povos tradicionais, acontece em todo o processo do trabalho agrícola, tal qual as canturias (PERALTA, 2022). Na literatura, ainda é pouco documentada quanto aos cuidados com a “praga”, mas que é uma técnica operativa e de profunda importância e soberania para alguns agroecossistemas e produção alimentar.

Após todo o processo de cuidado com a terra e com as sementes, e posterior à plantação destas, aguarda-se dois meses até que a colheita do feijão seja realizada. Mesmo com tantos cuidados, foi frisado a ocorrência de fungos e o apodrecimento de vagens.

Conclusões

O cultivo do feijão na comunidade do Pau-de-Remo acontece com a associação de tecnologias tradicionais e com as comerciais. Esse cultivo também evidencia impactos de ordem territorial, política e social, com a redução da força e do trabalho jovem no âmbito da produção, que provoca alterações nos modos produtivos agrícolas da comunidade. Novas técnicas têm sido possibilitadas, como o arado, porém, associadas às condições financeiras, uma vez que, frequentemente, os agricultores têm que arcar com diárias e combustível.

Tem-se colocado desafio à agricultura comunitária, que cada vez mais está tendo que abandonar a agricultura de corte-e-queima, prática de domínio local, entrando paulatinamente na cadeia de insumos externos. As abordagens agroecológicas alternativas aqui discutidas, porém, muitas vezes são desconhecidas pelos homens e mulheres que cultivam. Outrossim, essas alternativas não são assumidas pelo poder público local como uma política importante, permanente e compatível. Neste caso, discutir a transição agroecológica se faz necessário, com adoção, qualificação e incentivo de algumas práticas já ocorrentes. De todo modo, entende-se que as vias alternativas que possam ser implementadas devam partir de ações participativas junto aos agricultores, de forma que se analise seus contextos, concordantes com as condições e com os desejos desses sujeitos.



Referências bibliográficas

BASTOS, T. X. **O clima da Amazônia Brasileira segundo Köppen**. Belém: EMBRAPA-CPATU, n. 87, nov. 1982.

CHAVES; A. B. P.; BEZERRA, A. V. V.; NASCIMENTO, S. S. S. População em deslocamento: a força de trabalho paraense em Santa Catarina. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 13, p. 1-12, 2022.

CARVALHO, *et al.* O Uso Agrícola da Terra na Comunidade do Broca, Município de Santa Luzia do Pará, Nordeste Paraense, Amazônia Oriental. *In: Agroecol 2018, 2018, Campo Grande. Anais eletrônicos...* Campo Grande: Cadernos de Agroecologia, 2018. (Cadernos de Agroecologia, v. 13, n. 12, 2018).

FALESI, I. C. *et al.* Levantamento de reconhecimento dos solos da região Bragantina, Estado do Pará. **Pesq. Agropec. Bras.**, 2:1-63, 1967.

FRAZÃO, A. S. **Cosm visões etnoastronômica Xukuru do Oruobá**. 2022. 37f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Astronomia e Ciências Afins). Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia, 2022.

KATO, O. R. *et al.* Agricultura sem queima: uma proposta de recuperação de áreas degradadas com sistemas agroflorestais sequenciais. *In: LEITE, L. F. C.; MACIEL, G. A.; ARAÚJO, A. S. F. (Ed.). Agricultura Conservacionista no Brasil*. Brasília: Embrapa, 2014. p. 189-216.

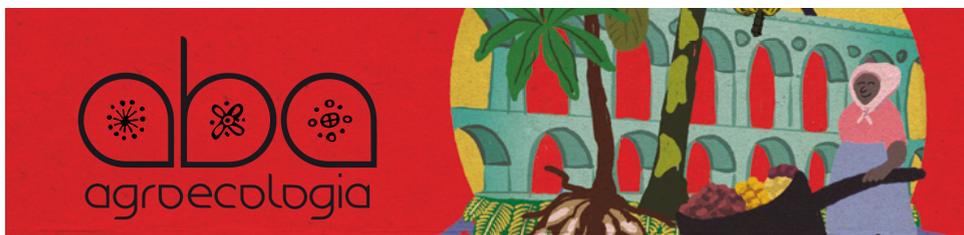
MACHADO, E. F. *et al.* Sementes tradicionais: o prelúdio da agroecologia. *In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 11., 2020, São Cristóvão. Anais eletrônicos...* São Cristóvão: Associação Brasileira de Agroecologia, 2020. (Cadernos de Agroecologia, v. 15, n. 2, 2020).

NAIR, P. K. R. **Agroforestry systems in the tropics**. Dordrecht: Boston: Kluwer Academic Publishers. ICRAF. 1989, 664 p.

PEDROSO JÚNIOR, N. N.; MURRIETA, R. S.S.; ADAMS, C. A agricultura de corte e queima: um sistema em transformação. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 3, n. 2, p. 153-174, 2008.

PERALTA, A. **Tecnologias Espirituais: Reza, Roça e Sustentabilidade entre os Kaiowá e Guarani**. 2022. 94f. Dissertação (Mestrado em Educação e Territorialidade). Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados, 2022.

REGO, A. K.; KATO, O. R. Agricultura de corte e queima e alternativas agroecológicas na Amazônia. **Novos Cadernos NAEA**, v. 20, n. 3, p. 203-224, 2017.



SILVA, M. M.; ROCHA, C. G. S. Mudanças na agricultura de corte e queima em Altamira, Pará. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 5, p. 1-13, 2022.